

# MARÉ VIVA

DIRECTOR (INTERINO): ANTÓNIO A. SANTOS

SEMANÁRIO

ANO I — N.º 4 — PREÇO 3\$50 — 16/7/76

(Avençado)

## Verão em Espinho

Ao iniciar-se mais uma época balnear, pareceu-nos de referir algumas ideias e dados para uma melhor informação e compreensão do que é o Verão em Espinho, de como se passa o Verão de 1976 em Espinho. Não pretendemos com este trabalho apresentar já um artigo acabado sobre um problema tão complexo como é o turismo, nem sequer analisá-lo exaustivamente no caso de Espinho. Isso poderá ficar para análise futura que esperamos poder apresentar.

Para já recolhemos informações das diversas infra-estruturas turísticas e tentamos dar uma ideia da complexidade do problema do Turismo local.

(Página 5)

## OLEIROS

## Hospital em reconstrução

A assistência médica é, em Portugal, um problema preocupante que tem sido objecto de muita controvérsia e para o qual se procuram ainda as soluções que permitam, no mais curto prazo, a protecção das classes que desfavorecidas economicamente o são também sanitariamente. Se a resolução desta questão não passa apenas pela construção de hospitais ou pela sua remodelação, não se pode ignorar a importância que devem ter na estruturação dum plano nacional de assistência, que se quer alargado e eficiente.

Entre nós, o Hospital de Espinho tem congregado as atenções gerais e monopolizado a discussão do problema da saúde na região. E com certa razão, diga-se. Não se pode ignorar a importância que este hospital tem tido como centro de convergência de gente de toda a região vizinha de Espinho, muita dela de fora do próprio concelho, facto que tem vindo a sobrecarregar demasiado os serviços hospitalares que não estão dimensionados sequer para as necessidades do concelho.

Daí o interesse de «Maré Viva» em saber o que se passa com o outro hospital, o de Oleiros, que subimos estar numa fase de reconstrução e que não pode ser esquecido pelo papel que poderá desempenhar na resolução dos problemas da assistência médica na região e, porventura, pela ajuda que poderá dar na absorção de muitas pessoas que procuram o Hospital de Espinho.

E este nosso interesse acabou por se justificar, como se pode constatar da entrevista que tivemos com o sr. José Pinto de Oliveira, chefe da Secretaria do Hospital de Oleiros e membro da Comissão Instaladora, cujas revelações ultrapassaram largamente as nossas expectativas.

### PORQUE UM HOSPITAL EM OLEIROS ?

Foi esta a pergunta que nos pareceu mais lógica para iniciarmos a entrevista. O aparecimento dum hospital em Oleiros, foi-nos explicado, não se justificou por qualquer razão de planeamento hospitalar, mas deveu-se à vontade do benemérito Joaquim Sá Couto que doou o edifício para a instalação dum hospital e uma renda para a sua manutenção. Aconteceu isto em 1905, e em 1909 o hospital entrava em funcionamento servindo simultaneamente como asilo para pessoas idosas, actividade que vem acumulando até aos nossos dias.

E assim se manteve sem grande evolução até 1969, altura em que se constituiu a Liga dos Amigos do Hospital que em colaboração com a Mesa Administrativa se interessou pela sua remodelação, já que se estava a tornar cada vez mais inadequado para as novas necessidades. O serviço de urgência praticamente não existia e a enfermaria funcionava colectivamente para todas as especialidades. Embora esta situação não se tenha alterado sensivelmente, conseguiu-se na altura a aprovação dum projecto ambicioso de remodelação do hospital com a comparticipação do Estado em 50%.

Estabeleceu-se então uma certa polémica dado que a Vila da Feira reclamava para a sede do concelho a construção do hospital, argumentando com a posição geográfica de Oleiros, que não se situa, longe disso, no centro geográfico do concelho. O projecto da remodelação do hospital valia-se do facto da freguesia estar numa zona de grande densidade demográfica e industrial. E embora as vias de

## AINDA O CASO «VIGOROSA» VALEU A FORÇA O QUERER E A UNIDADE DOS TRABALHADORES

Terminou com êxito a luta que os trabalhadores da VIGOROSA encetaram e mantiveram durante mais de três longos meses de paralisação forçada.

Como temos vindo a noticiar, a luta iniciou-se pela falta de pagamento dos salários constantes da Portaria de Regulamentação do Trabalho para a Indústria Metalúrgica.

O diferendo que opôs os trabalhadores à entidade patronal poderia ter sido resolvido logo nos primeiros dias da paralisação: na verdade, após ter feito determinada proposta de aumento salarial, o patrão, logo no dia seguinte, negou tal proposta e recusou os aumentos legais ou quaisquer outros... Talvez por ter visto na iniciativa dos trabalhadores uma «fraqueza» a explorar...

Gorada a hipótese de negociação directa, o problema transitou para o Ministério do Trabalho, que serviu de mediano em contactos entre as partes, que a nada conduziram.

Após porfiados esforços, conseguiram os trabalhadores a concessão de credenciais que lhes permitirão — e permitem — laborar normalmente.

De nada valerem as tentativas divisionistas ou o alerta do filho do patrão para o «facto de haver organismos oficiais (a Região Militar do Norte na pessoa do Brig. Pires Veloso) interessados em resolver o problema de uma maneira rápida e eficaz».

A força, o querer e a unidade dos trabalhadores ditaram a vitória. «Maré Viva», que desde o início da sua publicação acompanhou o conflito, congratula-se com esta vitória dos trabalhadores, ao lado de quem permanecerá nesta nova fase da sua luta.

acesso ao hospital não sejam óptimas (Lourosa, por exemplo, estaria nesse aspecto melhor fornecida) o plano de reconstrução foi finalmente aprovado graças aos esforços porfiados dos elementos da Mesa e da Liga.

### CINCO ANDARES E NACIONALIZAÇÃO

Com a limitação de despesas que se compreende (o Estado pagava apenas 50%) as obras da primeira fase inicia-

ram-se em 1971 com a transformação de uma das alas do velho edifício num bloco de cinco pisos, dos quais o primeiro piso já está mesmo acabado interiormente, com as secções de Raios X e de análises clínicas já em funcionamento. Os outros andares, aos quais faltam apenas os acabamentos, serão completados numa segunda fase da construção.

Entretanto em 1975, com a reestruturação a nível nacional do Serviço Hospitalar, a Secretaria de Estado da Saúde

(Conclui na pág. 8)



## RETORNADOS

Leia como vai o «negócio» na página 7



# NO TI CI AS

## PONTÃO — os terrenos já pertencem à cidade

Estão já na posse administrativa da Câmara Municipal de Espinho, os terrenos necessários à construção do viaduto que virá a ser a primeira ligação contínua entre as duas metades desta cidade. A obra que compreende o pontão com os respectivos acessos e ainda a pavimentação da rotunda e do prolongamento da rua 20 está adjudicada à firma Orgel do Porto que apresentou um orçamento da ordem dos 24 mil contos. Não está ainda marcado o início da obra, mas nada impede já que seja para breve.

## MARINHA — NOVOS PASSOS

Deslocou-se no princípio da semana, a Lisboa, uma delegação constituída pelos Srs. Fernando Pais da Comissão da Marinha e Joaquim Mota do SAAL local. Na agenda, assuntos relacionados com o processo de expropriação de terrenos, que se encontra no estado de que demos larga notícia aos nossos leitores dos últimos números. Contamos, na próxima semana fornecer dados sobre o resultado das conversações. Para já podemos adiantar que a delegação foi recebida por um dirigente do SAAL nacional que tomou posse poucos dias atrás, facto que poderá ter comprometido um pouco os resultados esperados para estes novos passos.

## FESTA POPULAR

No próximo domingo à noite, haverá um espectáculo de variedades, com Amália Rodrigues à frente de numeroso elenco. Lugar: Praça de Touros; Preço único 20\$00. Organiza a Comissão de Festas.

## O SEU A SEU DONO

A fechar uma notícia encimada pelo título: «Há mar, mar e mar de matar», apontamos factos que poderiam aparecer como uma crítica ao trabalho dos bombeiros empenhados em mais uma missão de salvamento.

Cumpre-nos pois sublinhar bem que os bombeiros a cujo trabalho assistimos deram o melhor do seu esforço e, se foram frustrados isso deve-se à deficiência do seu equipamento por um lado e, por outro, à exiguidade da vigilância que é exercida nas praias.

Não podemos pois dar qualquer razão àqueles que hostilizam este punhado de rapazes que sacrificam os seus tempos livres ao serviço dos outros. Não podemos também ficar indiferentes a um problema tão actual como é este da segurança na praia. As nossas linhas tornarão a ser ocupadas com o assunto, para ser dado o seu, a seu dono.

## UM CONCERTO RUIDOSO

Abriu no passado dia 7 o XIII Festival de Música com um concerto pela consagrada Orquestra Gulbenkian, sob a direcção do maestro Silva Pereira.

O programa agradou em plena pela sua diversidade e também pela excelente execução. Anabela Chaves teve ensejo de mostrar todas as suas reconhecidas qualidades no solo de viola que executou no Nocturno para Cordas de Joly Braga Santos e os violinistas Manuel Villuendas e Ilídio Gomes, através de uma execução plena de técnica, musicalidade e sobretudo sincronização, cativaram a assistência na Sinfonia Concertante para dois Violinos e orquestra de Stamitz.

O público, que encheu por completo o Salão de Festas do Casino,

aplaudiu demoradamente maestro, solistas e orquestra.

Pena é que a par deste concerto, outra «orquestra» actuasse na sala, constituída por reminiscências sonoras da boite do Casino (a funcionar por baixo do Salão), pelo habitual e ruidoso comboio e, o que é mais grave, por inúmeras pessoas que, num total desrespeito pelo direito que os ouvintes chegados a horas têm à audição sem perturbações do concerto, entram e saem da sala durante a execução das peças com um à vontade que pasma!

Esperemos que a organização dos concertos tente suprir estas anomalias que em nada dignificam o público espinhense.

## COMISSÃO DINAMIZADORA DE S. FÉLIX DA MARINHA

Em S. Félix da Marinha a organização popular avança, em campos onde muito há a esperar da actividade voluntária e comprometida daqueles que não ficam à espera que tudo caia do céu.

Assim, damos hoje a notícia da formação da «Comissão Dinamizadora de S. Félix da Marinha», amplamente representativa de vários lugares da freguesia e que, na fase de arranque, definiu como seus objectivos centrais os seguintes:

— despertar nas crianças em idade escolar o gosto pela prática desportiva não-competitiva, lançando-se as bases necessárias para a compreensão de um desporto não alienador mas sim libertador;

— dar a conhecer as diversas modalidades desportivas, uma vez que existe uma visão muito estreita do desporto, funcionando como bloqueio ao conhecimento e prática dessas mesmas modalidades;

— criar condições mínimas para se avançar em formas de luta tendentes a dotar todas as escolas primárias da freguesia com o material necessário à prática desportiva de base;

— integrar a Comissão em todos os lugares da freguesia, chamando a atenção dos pais para a necessidade de, em colaboração com os professores primários e outros grupos dinamizadores, organizarem programas de acção e de intercâmbio desportivo e cultural entre todas as escolas.

Sabemos que a Comissão tem já levado a efeito várias iniciativas nomeadamente a Comemoração do Dia Mundial da Criança, e procuraremos estar atentos ao que de importante se for passando dentro das suas actividades. Para já uma certeza: S. Félix da Marinha vai ser assunto em «Maré Viva».

## FESTIVAL DE INTÉRPRETES

Realizou-se no passado dia 9 a primeira eliminatória do Festival de Intérpretes, na terceira organização levada a efeito pelo Sporting de Espinho, Académica e Casino.

As canções, como nos anos anteriores, continuaram a ser de fraco nível, com quase total esquecimento do repertório musical português (com excepção dum concorrente). Subprodutos da música brasileira e italiana (com espanholas à mistura) dominaram o programa, quebrado por instantes com uma boa réplica do «Daniel» de Elton John, cantada pelo concorrente n.º 10, Sebastião José.

Mais eis os cinco concorrentes (dos 14) apurados para a final:

- 1.º — Alcides Santos
- 2.º — Sebastião José
- 3.º — Domingos Dias

- 4.º — Américo Moreira
- 5.º — José Nelson

A seguir houve variedades e baile, onde pontificaram os conjuntos de Shegundo Galarza que dedicou o seu repertório aos mais velhos e «Surprise», verdadeira «surpresa» para nós que não o tínhamos ainda ouvido atentamente e que gostamos francamente da música que executou. Cinco elementos muito equilibrados, com boas vozes liderados pelo pianista e pelo viola-solo, Armando Carvalho, fora-de-série como executante e vocalista no campo da música «pop».

De salientar o «zelo» da organização do Casino ao mandar interromper o baile, pois as variedades que actuavam na «boite» pareciam ter dificuldades na sua actuação devido à música que decorria no Salão. Realmente é de louvar a intenção de preservar a actuação das variedades a qualquer «poluição» sonora.

## C. P. — A ETERNA RESPOSTA

Sempre que temos de nos debruçar sobre a actuação da C. P. nas suas relações com as populações marginais à via férrea, arriscamo-nos a topar as mais diversificadas situações.

Reconhecemos que nos últimos tempos as relações públicas daquela empresa se têm «atirado para o chão» para tentarem satisfazer uma opinião pública persistente no denunciar das situações anómalas, mas isso só contribui para agravar a falta de compreensão que somos obrigados a ter quando sabemos, pasme-se, que a C. P. continua encerrada no mais profundo silêncio perante a exigência da população

de Espinho e de toda a região em ver resolvido o problema da passagem sem guarda a sul da cidade.

Será que tantos mortos e tantos prejuízos que aquela passagem tem causado não obrigam a C.P. a uma resposta?

Será, esse silêncio, um convite a que a população, a exemplo do que vem sucedendo em outros lados se decida por actuações que, justas embora, acabam por prejudicar os milhares de utentes das linhas que aqui passam?

Nós esperamos que não. A C.M.E. espera uma resposta aos officios que sobre o assunto tem dirigido à C.P.

## NO LIXO TAMBÉM SE PROGRIDE

Acaba de entrar ao serviço um novo camião para recolha de lixo na cidade de Espinho. Esta unidade que importou em 1400 contos vem dar um valioso contributo na resolução do problema das lixeiras. Para isso, está equipado com um sistema que permite a carga rápida do lixo armazenado em contentores especiais os quais têm vindo a ser espalhados nos locais onde tradicionalmente apareciam as lixeiras. O fornecimento coube à firma metalúrgica Cometna, por enco-

menda da C.M.E. feita em Outubro do ano passado. A chegada de novos contentores permitirá a cobertura de outras zonas da cidade. Daqui, sugerimos já o Bairro «Violas».

Como nota final, importa lembrar que os referidos contentores, apesar das rodas, não vão buscar o lixo a casa das pessoas. É preciso que as pessoas se habituem a ir junto deles, e confiar-lhes aquilo que costumam deitar fora.

## O QUE É ISTO?

...E vá lá uma pessoa fiar-se no bocadinho de tranquilidade por que esperou durante todo o inverno!

Até de papo para o ar, «estorricando» lentamente ao sabor iodado destas praias, atrás dum guarda-sol, o absurdo e a indisposição vêm ter connosco.

Foi na Praia Azul.

Vêm-se barracas e vêm-se guarda-sóis.

Quem está nas barracas não estamos guarda-sóis, lógico!

Mas, afinal, parece que não é assim; só poderá abrir guarda-sol quem tiver barraca... e dinheiro para ter as duas coisas.

E acrescentou o cabo do mar que só se podia verificar o caso contrário nas praias para norte que ficam a mais de 1 quilómetro da estação do caminho de ferro.

Mais um absurdo: «ou tens tudo ou não tens nada!»

Questão a rever com urgência.

## CASA DA CULTURA DA JUVENTUDE

Iniciou-se no passado dia 10 a actividade da Casa da Cultura da Juventude de Espinho, organismo da FAOJ coordenador das actividades culturais da nossa região, depois dum longo processo, que levou à constituição dum Concelho de Gestão o qual integra as seguintes colectividades: Secção Cultural da A.A.E. Cooperativa «Nascente», Grupo de Intervenção Cultural, Clube Recreativo e Cultural de Paramos, Grupo Cultural «O Besouro» de Silvalde e colectividades de Anta.

O C. de Gestão da Casa da Cultura deliberou concentrar os seus esforços na canalização das realizações artísticas para as zonas populacionais menos beneficiadas culturalmente. Assim, o Grupo de Teatro do Centro Paroquial de Grijó iniciou no dia 10 em Anta uma série de espectáculos que se efectuarão nas diversas freguesias do Conselho de Espinho. Para além desta realização outras actividades estão previstas, como projecção de filmes e festivais de teatro e cultura livre.

## MARÉ VIVA

### SEMANARIO

Propriedade: «NASCENTE» — Cooperativa de Acção Cultural

Redacção — Apartado 43  
ESPINHO

Director  
António A. Santos

Fizeram este número:

Adriano Cardoso — Ana Maria — António Capelo — António Letra — António Santos — Augusto Mota — Dário Capela — Ema Letra — Fátima Brandão — Fausto Neves — Joaquim Loureiro — Joaquim Quintas — Jorge Catarino — José Carlos Gonçalves — José Maia — Laura Gaio — Laurinda Cunha — Manuel Lopes — Márcio Cardoso — Morais Gaio — Rogério Baptista — Vitor Sousa.

Colaboração especial:

Alberto Barbosa — Rui Abrantes — Tibério Coelho.

Composição e Impressão

Officinas Gráficas  
da Casa Nun'Álvares — Porto



# NOTÍCIAS

## FESTIVAL AMADOR DE CANTO LIVRE

Para conclusão de um movimento lançado, há uns tempos atrás, com a realização de Festivais Amadores por várias zonas do distrito de Aveiro: *Águeda, Aveiro, Espinho, Lamas e Ovar* vai realizar-se amanhã, dia 17, pelas 21,30, no Salão da Piscina, a Finalíssima do Festival Amador de Canto Livre do Distrito. A organização pertence à UJC e conta com a presença de nomes como: Adriano Correia de Oliveira, Fausto e Vitorino.

## SURGE O PROBLEMA — QUE FAZER

Logo a partir do número zero, a droga foi preocupação para o «Maré Viva». Ela é mesmo tema obrigatório no dia-a-dia desta cidade em que escrevemos. Desta vez calhou a dois jovens de S. Mamede de Infesta. Ante o problema — Que fazer? — optaram por uma vinda até Espinho. Má hora! Uma das rugas que a polícia local vem efectuando desviou-os para o tribunal sem naturalmente se ter esquecido de os aliviar da «mercadoria» cujo porte será matéria para julgamento.

Trata-se de Salviano Barros Silva e Afonso da Costa Leite, ambos de 18 anos. Dois nomes a juntar à crescente parte da nossa juventude que procura na droga uma fuga para os problemas da nossa sociedade.

## UMA «VELHA GUARDA» QUE PARTE

Pôs termo à vida, no passado dia 10, José Vivas da Silva Júnior, viúvo, de 57 anos, morador na rua 22, na companhia de uma filha e uma irmã. A motivar tão trágico acontecimento doula-se estar a aflicção que lhe causava a doença de que sofria: uma angina de peito.

Recorda-se que José Vivas foi jogador de futebol do S.C.E. durante várias épocas e conquistou uma medalha de desportista exemplar. Esteve alguns anos emigrado na Venezuela donde regressou, há já uns anos.

# Vai-te lucro que me dás perca...

Vem este ditado popular a propósito duma história que se passou há bem poucos dias, em pleno período de austeridade e que, embora pareça incrível, é infelizmente verdadeira.

Mas vamos aos factos.

Aconteceu que, por engano, ao Delegado Escolar de Espinho foram pagos a mais \$50.

Verificado o lapso a 10.ª Delegação da Direcção-Geral da Contabilidade Pública/M.E.I.C. processou guias em quadruplicado para o Delegado Escolar de Espinho repor a importância a mais recebida de \$50.

Para a Administração recuperar os \$50 teve o trabalho seguinte:

— Processamento das 4 guias de reposição.

— Envio das mesmas com officio à Repartição de Finanças de Espinho.

— A Repartição de Finanças de Espinho por sua vez teve que:

— Extrair mando de notificação para o Delegado Escolar de Espinho pagar no prazo de 30 dias os \$50.

— Deslocar um funcionário para pessoalmente notificar o Delegado Escolar.

— Naquele prazo o Delegado Escolar apresenta-se na Repartição de Finanças onde solicita as guias para efectuar o pagamento.

— Ali as guias são carimbadas e

registadas e o Sr. Delegado lá entrega os \$50.

— De seguida a Repartição de Finanças devolve com officio uma das guias averbadas do pagamento, à procedência (10.ª Delegação da D.G.C.P./M.E.I.C./Lisboa).

Para recuperar os \$50 quanto terá perdido a administração:

Façamos os cálculos por baixo:

Papel gasto: 4 guias, 2 officios, 1 mandado de notificação, \$70.

Tempo gasto, no conjunto de todas as operações os funcionários envolvidos perderam para a recuperação dos \$50, 45 minutos. Embora ganhem mal são sempre 40\$00.

Despesas com portes de correio, (o Estado agora paga aos C.T.T. a correspondência oficial), 6\$00.

Conclusão: para recuperarem \$50, os burocratas da Direcção-Geral da Contabilidade Pública fizeram gastar cerca de 50\$00. O que feitas as contas dá um saldo negativo de 49\$50, o que não é muito animador.

Mas não será este «pequeno» prejuízo que fará diminuir a satisfação dos autores da proeza. Porque o que é verdade é que eles cumpriram zelosamente o seu dever.

Estão de parabéns!

## Festas de Verão

Organizado pela Comissão de Festas de Espinho será promovido no próximo domingo, dia 18, às 10 horas, na Avenida 8 (junto ao Casino) o V concurso de lançamento do Balão.

Incluída no programa de Festas de Verão, esta iniciativa é aberta a todas as crianças com menos de 12 anos.

As inscrições (5\$00), serão feitas no Posto de Turismo até sábado, dia 17, e no local do lançamento, no domingo.

## FARMÁCIAS

SEXTA — Farmácia Santos  
Rua 19 n.º 263 — Telef. 920331

SÁBADO — Farmácia Paiva  
Rua 19 n.º 319 — Telef. 920250

DOMINGO — Farmácia Higiene  
Rua 19 n.º 393 — Telef. 920320

SEGUNDA — Grande Farmácia  
Rua 19 n.º 46 — Telef. 920352

TERÇA — Farmácia Teixeira  
Rua 62 n.º 457 — Telef. 920092

QUARTA — Farmácia Santos  
Rua 19 n.º 263 — Telef. 920331

QUINTA — Farmácia Paiva  
Rua 19 n.º 319 — Telef. 920250

## Empresa Gráfica de Seixezelo

DE

Cardoso & Valentim, Lda.

APARTADO 13

SEIXEZELO  
ARGONCILHE

## PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218

ESPINHO

# NASCENTE — Cooperativa de Acção Cultural, S. C. R. L. ESTATUTOS

Certifico que por escritura de 12 de Junho de 1976, lavrada de folhas 140, verso, a 146 do livro de notas para escrituras diversas D-14, deste cartório, foi constituída uma sociedade cooperativa de responsabilidade limitada, sob a forma de sociedade anónima, cujos estatutos são os seguintes:

### CAPITULO PRIMEIRO

#### DENOMINAÇÃO, SEDE, DURAÇÃO E OBJECTO

Artigo primeiro — É constituída e reger-se-á pelos presentes estatutos uma Cooperativa sob a forma de Sociedade Cooperativa Anónima de Responsabilidade Limitada, que se denominará «NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, SOCIEDADE COOPERATIVA ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA», e durará por tempo indeterminado, a contar de 9 do corrente.

Artigo segundo — A sua sede é em Espinho, Rua 62, número 251, primeiro andar.

Parágrafo único — Poder-se-ão instalar e manter filiais ou outras formas de representação onde conveniente, mediante parecer favorável do Conselho Geral e sob ratificação da Assembleia Geral, inscrever ou associar a Cooperativa a quaisquer organismos afins, nacionais ou estrangeiros.

Artigo terceiro — A Cooperativa tem como objectivos a promoção cultural dos seus associados e da população em geral, podendo, para o efeito, utilizar todos os meios legais e úteis, designadamente:

A) — A publicação e venda de livros, jornais, revistas e outras publicações;

B) — A realização de espectáculos de cinema, teatro, música e outros e a prática dessas mesmas actividades;

C) — Quaisquer outras actividades legais que sejam prática ou meio difusor de cultura ou fonte de angariação de fundos.

### CAPITULO SEGUNDO

#### DOS SÓCIOS, SEUS DIREITOS E DEVERES

Artigo quarto — Podem ser admitidos como sócios todas as pessoas, singulares ou colectivas, nacionais ou estrangeiros, onde quer que residam.

Parágrafo primeiro — A admissão de sócios será feita pela Direcção, após parecer favorável do Conselho Geral, mediante pedido escrito dos candidatos donde conste a sua adesão aos estatutos e regulamento interno e a abonação de 2 sócios. No caso de indeferimento do pedido, o candidato poderá recorrer para a Assembleia Geral.

Parágrafo segundo — Os sócios que sejam pessoas colectivas serão representados na Cooperativa por intermédio de um elemento dos seus corpos sociais devidamente credenciado.

Artigo quinto — Haverá as seguintes categorias de sócios:

A) — Sócios fundadores — Aqueles que subscreverem o capital mínimo até 30 dias após a celebração da escritura;

B) — Sócios efectivos — Todos aqueles que vierem a subscrever o capital mínimo depois de decorridos aqueles 30 dias.

Parágrafo primeiro — Poderão ainda ser inscritos na Cooperativa, como candidatos a sócios, aquelas pessoas que, não podendo subscrever o capital mínimo, desejem usufruir dos direitos consignados aos sócios efectivos na alínea A) do artigo sexto e, para o efeito, se disponham a pagar a quota prevista no artigo décimo segundo.

Parágrafo segundo — Aos candidatos a sócios que fizerem parte de quaisquer grupos de apoio à Cooperativa, poderá a Direcção, após parecer favorável do Conselho Geral, conceder os restantes direitos consignados aos sócios nestes estatutos e no regulamento interno.

Artigo sexto — Além dos direitos conferidos pelas

disposições legais, são direitos dos sócios, a exercer de harmonia com o regulamento interno;

A) — Participar e usufruir de toda a actividade cultural e de convívio da Cooperativa e de todos os serviços e vantagens que conceda;

B) — Participar activamente nas assembleias gerais, utilizando o direito ao uso da palavra, à crítica, à informação e ao voto;

C) — Eleger e ser eleito para os corpos sociais;

D) — Consultar os relatórios, documentos e contas da Cooperativa.

Artigo sétimo — São deveres dos sócios:

A) — Cumprir os estatutos e o regulamento interno;

B) — Prestar à Cooperativa toda a colaboração que lhes for pedida e aceitar o exercício dos cargos para que forem eleitos, salvo casos de manifesta impossibilidade ou quando se trate de reeleição.

Artigo oitavo — Não pode ser admitido como sócio quem manifeste ou tenha manifestado ideais, propósitos ou actuações contrárias ao espírito democrático, aos ideais cooperativistas ou aos objectivos que a Cooperativa se propõe atingir.

Artigo nono — Perde a qualidade de sócio:

A) — Aquele que requeira a sua demissão;

B) — Aquele que, por atitudes contrárias aos interesses da Cooperativa, ou por recusa ao cumprimento dos seus deveres, seja excluído pela Assembleia Geral.

### CAPITULO TERCEIRO

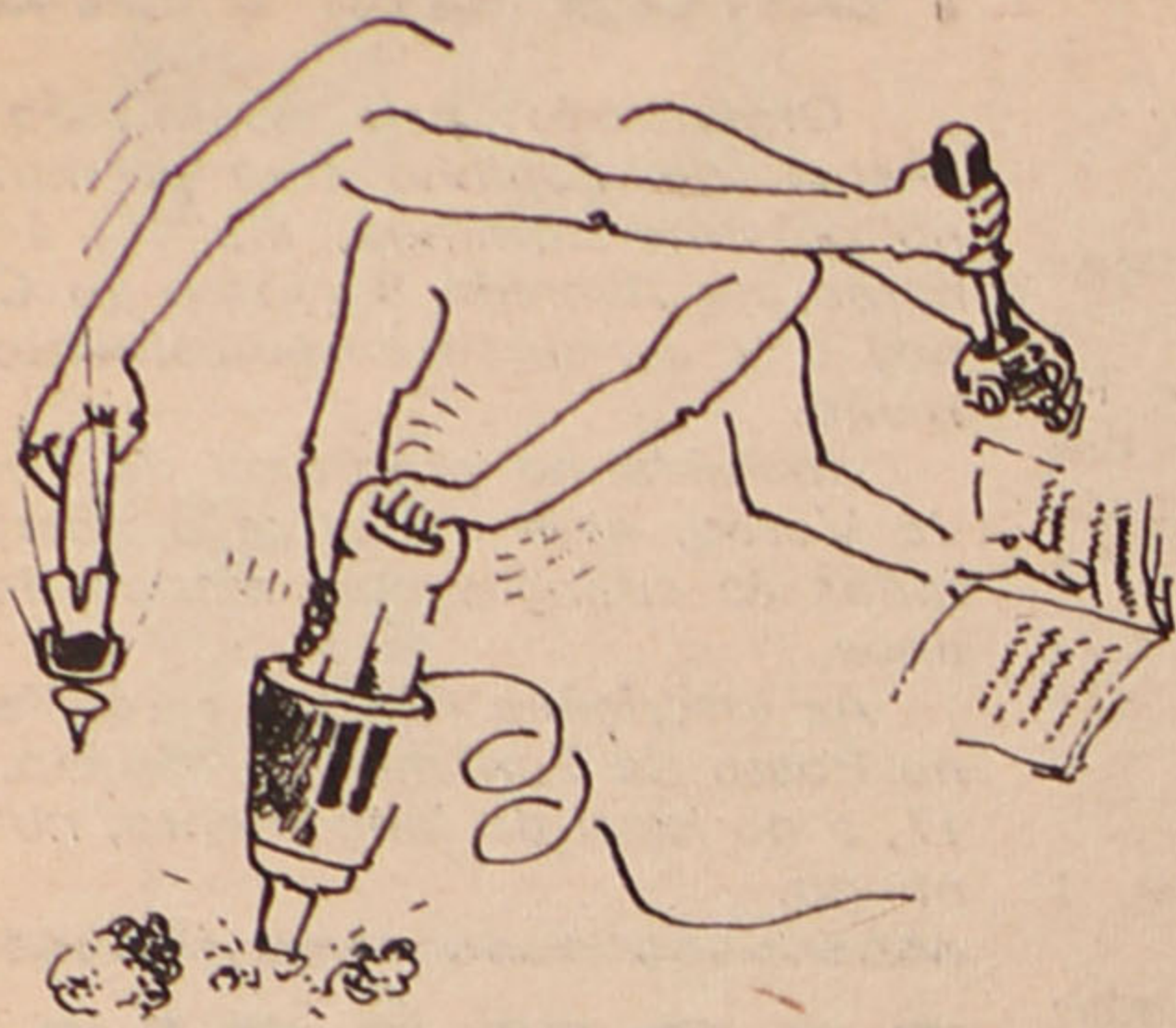
#### DO CAPITAL, FUNDOS E EXCEDENTES

Artigo décimo — O capital social, que se inicia com cinco mil escudos já realizados, em dinheiro, é variável e ilimitado e representado por acções nominativas de 100\$00 cada uma.

Artigo décimo primeiro — O capital mínimo de admissão de cada sócio quer seja pessoa individual ou colectiva será de 500\$00, liberado de harmonia com o regulamento interno.

(Conclui na pág. 4)





# TRABA LHO

# DESEMPREGO

## CONTROLO DE GESTÃO

O último Conselho de Ministros do VI Governo Provisório fez aprovar o projecto de Decreto-Lei sobre o controlo de gestão que há muito era esperado pelos trabalhadores portugueses.

Para além das considerações de fundo que o Decreto-Lei possa sugerir — e sugere — desde já se podem adiantar alguns reparos. Vejamos:

Da combinação dos artigos 167.º e 17.º da Constituição Política da República Portuguesa resulta que a competência para legislar sobre direitos fundamentais dos trabalhadores é reservada à Assembleia da

República. Logo, o Conselho de Ministros extravasou o âmbito da sua competência ao legislar sobre o controlo de gestão.

Por outro lado, é direito dos trabalhadores constitucionalmente assegurado pelos artigos 55.º e 56.º «Participar na elaboração da legislação do trabalho».

Ora, a falta de tal participação envolve a inconstitucionalidade do diploma.

Se é inconstitucional será de esperar que o Presidente da República considere esse facto quando lhe for apresentado para promulgação.

A luta contra o desemprego, sinónimo de miséria e de fome, tem sido uma constante de todas as organizações de trabalhadores principalmente no pós 25 de Abril.

O direito ao trabalho, agora constitucionalmente assegurado, já vinha sendo, na prática, motivo de preocupações para os sindicatos e demais organizações operárias que, não raras vezes, empenharam — e empenham — todas as suas forças no combate à sabotagem económica, ao abandono e descapitalização de empresas, ao seu encerramento.

Na maior parte dos casos viram os trabalhadores coroados de êxito os seus esforços, os seus sacrifícios, a sua disposição para a luta, frutos da sua consciência de classe e da força, que, em última análise, reside na sua unidade. Noutros, infelizmente, o espectro do desemprego foi o desfecho ilógico de uma «lógica» capitalista cujas premissas assentam no acarinamento dos dadores de mão-de-obra quando propiciarem lucros ou no seu afastamento compulsivo quando os não propiciarem ou, pelo menos na exacta medida em que foram pensados.

Sugeriu-nos este comentário a situação dos quatro trabalhadores da

garagem «David Sousa», sita na rua 15, no edifício da empresa «Auto Viação de Espinho».

Tudo começou quando, há já alguns meses, o senhor David Sousa, proprietário da citada firma, inexplicavelmente a abandonou. Dias volvidos, a Mobil procede à remoção das bombas de gasolina, macacos de lubrificação e lavagens. Privados do seu salário e também agora do seu trabalho restava aos trabalhadores receber os magros proventos resultantes da recolha de automóveis.

Havia, no entanto, que pagar à Auto-Viação de Espinho a renda da garagem. Mas como?

O atraso no pagamento das rendas originou a instauração de uma acção judicial que culminou com o despejo dos infortunados trabalhadores. E nem a tentativa de pagar as rendas em dívida por quem as não devia — mas temia o desemprego — conseguiu demover a Auto Viação de Espinho ou a cegueira da Lei. E no dia aprazado lá se apresentaram os polícias a proceder ao despejo de todo o material ainda existente e dos carros dos clientes da garagem.

Cumpra-se a Lei; estamos de acordo. E quem a faz cumprir ao Sr. David Sousa?

CASA LUÍSA NOGUEIRA

*João César da Costa*

DEPÓSITO DE FRUTAS ★ VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua 16 n.º 750

ESPINHO

Telef. 920304

**MOREIRA DA COSTA**

CIRURGIA GERAL  
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520.1.º — Telef. 921014

**J. PINHEIRO DE MORAES**

CLINICA GERAL

Rua 20 n.º 390 — Telef. 920452

## ESTATUTOS

(Continuação)

Artigo décimo segundo — A Assembleia Geral poderá estipular através do regulamento interno uma quota periódica para encargos administrativos e outros.

Artigo décimo terceiro — A Cooperativa não tem fins lucrativos. As vantagens dos sócios só poderão traduzir-se em descontos nos dígitos.

Artigo décimo terceiro — O sócios que forem excluídos ou que se demitirem terão direito ao reembolso de 50 por cento do capital por eles subscrito se, de harmonia com o balanço do ano anterior, lhes não couber quantia inferior. O reembolso a fazer aos sucessores dos sócios falecidos que não desejem ou não possam ser admitidos como sócios poderá ir até 80 por cento do capital.

Artigo décimo quarto — A Cooperativa não tem fins lucrativos. As vantagens dos sócios só poderão traduzir-se em descontos nos bens ou serviços que venham a adquirir. Todos os excedentes serão distribuídos pelos diversos fundos a criar através do regulamento interno ou consignados a fins específicos pela Assembleia Geral.

### CAPÍTULO QUARTO

#### DOS CORPOS SOCIAIS

Artigo décimo quinto — Os corpos sociais da Cooperativa cujos elementos são eleitos pela Assembleia Geral que também poderá revogar o seu mandato ou reelegê-los, são a Mesa da Assembleia Geral, a Direcção e o Conselho Fiscal.

Parágrafo único — Toda a disciplina e calendário do acto eleitoral serão estabelecidos no regulamento interno.

Artigo décimo sexto — A Mesa da Assembleia Geral é composta de um Presidente e dois Secretários.

Artigo décimo sétimo — A Direcção é composta de um Presidente e de vários Directores, cujo número será fixado no regulamento interno.

Parágrafo único — Compete à Direcção:

- A) — Administrar os bens da Cooperativa;
- B) — Impulsionar e dirigir as actividades da Cooperativa;
- C) — Aceitar ou recusar os pedidos de admissão e demissão de sócios e propor a sua expulsão;
- D) — Elaborar e ou submeter à Assembleia Geral os relatórios e contas de cada gerência;
- E) — Criar os grupos de apoio necessários às diferentes actividades da Cooperativa;
- F) — Velar pela disciplina da Cooperativa e pela defesa dos seus objectivos e do espírito que a enforma.

Artigo décimo oitavo — Para obrigar a sociedade são necessárias, pelo menos, as assinaturas de dois Directores.

Artigo décimo nono — O Conselho Fiscal é composto de um Presidente, um Secretário e um Relator, cujas atribuições são as estabelecidas no Código Comercial.

Parágrafo único — O Conselho Fiscal, ou qualquer dos seus membros, poderá, a todo o momento, verificar quaisquer valores ou documentos da Cooperativa pelo que, uns e outros, lhes devem ser facultados no momento em que forem solicitados.

Artigo vigésimo — Constituído por todos os elementos dos corpos sociais e por representantes dos diversos grupos de apoio da Cooperativa, existirá um Conselho Geral que terá fundamentalmente funções consultivas e cuja composição, competência e funcionamento constarão do regulamento interno.

### CAPÍTULO QUINTO

#### DA ASSEMBLEIA GERAL

Artigo vigésimo primeiro — A Assembleia Geral é convocada pelo Presidente da Mesa com o mínimo de 12 dias de antecedência e considera-se legalmente constituída quando se encontrarem representados mais de 50 por cento dos sócios no gozo dos seus direitos ou, em segunda convocação, a realizar 48 horas depois, com qualquer número.

Artigo vigésimo segundo — A Assembleia Geral reúne, ordinariamente, no primeiro trimestre de cada ano para votação dos relatórios e contas do ano anterior e no período de 15 de Novembro a 15 de Dezembro dos anos de fim de mandato para eleições e reunirá extraordinariamente por decisão da Mesa ou a pedido da Direcção, do Conselho Fiscal, do Conselho Geral ou a requerimento de um mínimo de 25 sócios.

Artigo vigésimo terceiro — As deliberações sobre alterações dos estatutos só poderão ter lugar em Assembleia Geral extraordinária expressamente convocada para o efeito e só terão validade quando votadas por mais de 50 por cento de todos os sócios no gozo dos seus direitos e a dissolução da Cooperativa não poderá ser votada enquanto houver 10 sócios que, por escrito, a tal se oponham e se comprometam a mantê-la.

Artigo vigésimo quarto — A Assembleia Geral, como órgão soberano da Cooperativa, regulará os casos omissos nestes estatutos e no regulamento interno.

Artigo vigésimo quinto — (Disposições transitórias)  
Os órgãos sociais ficam assim constituídos: MESA DA ASSEMBLEIA GERAL — Presidente: Rolando Nunes de Sousa, décimo outorgante; Secretários: Vitor Manuel Gonçalves de Sousa, primeiro outorgante, e Albertino de Oliveira Pinheiro, casado, morador na Avenida 24, 325, quarto, esquerdo, Espinho; CONSELHO FISCAL — Presidente: José Pereira de Oliveira, nono outorgante; Secretário: Daniel Ferreira Dias, quinto outorgante; Relator: José Ferreira de Oliveira Salvador, casado, residente em Espinho, Rua 23, número 806, segundo, direito; DIRECÇÃO — António Fernando Alves dos Santos, casado, residente em Espinho, Avenida 24, número 1007, quarto, esquerdo, Augusto Marinho da Mota, quarto outorgante, José Alberto de Araújo Catarino, oitavo outorgante, António Ferreira Gaio, terceiro outorgante, Alvaro Fernando Cordeiro Ferreira da Silva, casado, morador na Rua 15, 219, primeiro, esquerdo.

Está conforme ao original.

Espinho, e Cartório Notarial, 12 de Junho de 1976

A Ajudante do Cartório,

(Berta da Silva Lopes (Dias de Carvalho))



# DADOS PARA UM VERÃO

Espinho pode englobar-se no conjunto de estâncias balneares que são utilizadas no Verão por dois tipos bastante diversos de pessoas: aquelas que para cá se deslocam logo no início do Verão, em virtude de os seus empregos serem mais ou menos próximos, que se instalam em casas que alugam de ano para ano durante a época do Verão e que acabam por se tornar membros integrantes da população espinhense; e aqueles que em virtude de se encontrarem em férias, podem deslocar-se para longe dos seus empregos e meios habitacionais, e vêm instalar-se durante uns breves dias num dos vários hotéis, pensões, residências, etc. Ora é em função destes últimos que urge criar em Espinho infraestruturas de apoio que devido à sua inexistência em alguns casos ou ao seu mau aproveitamento noutros, tem vindo a fazer com que o número de turistas esteja a diminuir (entende-se por turistas os do último caso, e não só os estrangeiros, pois também os Portugueses que se deslocam para longe dos seus meios, exclusivamente para repousarem para viverem despreocupados, sem obedecer a horários, etc., estão a fazer turismo). Ora essa diminuição de veraneantes reflecte-se bem em certos dados que recolhemos junto das entidades competentes.

## Praia e Piscina

Assim e em primeiro lugar relativamente a um tipo de turístico bem português, mais característico daqueles que de perto afluem a Espinho, entramos em contacto com o Sr. Neto, responsável pelo aluguer de barracas, que nos disse: «Sem dúvida que o aluguer de barracas tem sido um dos sectores mais atingidos, pois sofre um decréscimo de cerca de 30% (dados de Junho e Julho) em relação ao ano passado. Por outro lado, registre-se que, por exemplo, havia em 1975, por esta altura, cerca de 1.100 barracas alugadas para Agosto, enquanto que este ano estão alugadas 450».

Note-se no entanto que isto não quer significar que o número de praias tenha diminuído, pelo contrário aumentou em grande escala sobretudo devido ao excelente tempo que se tem feito sentir; o que acontece é que as pessoas preferem cada vez mais utilizar o seu próprio guarda-sol. Aliás para notarmos melhor que

é o espírito das pessoas que se modificou, é de referir que a piscina sofreu um grande e inesperado aumento do número de frequentadores, mau grado a subida de preços que se devem sobretudo às obras de melhoramento (pavimentação e entrada, pastilha, caldeira para banhos quentes, arranjos nos quartos de banho, muro novo e mais alto) que segundo uma estimativa superficial terão atingido os 1.000 contos.

## Hotel ou Campismo?

Relativamente ao movimento em hotéis e pensões até é bastante fraco, acusando uma descida gradual de utentes. De notar no entanto que a maioria dos utentes de hotéis eram estrangeiros, os quais têm mostrado preferência por outras zonas Portuguesas, nomeadamente o Algarve. Evidentemente que nem todos poderão dispôr dos meios necessários para praticar turismo nos moldes em que se pratica em Espinho, pois poucos serão aqueles que podem dispensar a quantia necessária para se instalarem num Hotel ou numa Pensão. Para esses, agora mais do que nunca, devido à incrementação do turismo interno, são necessárias as tais infraestruturas básicas, e uma das principais será o Parque de Campismo.

O campismo é uma modalidade que sofreu em Portugal, nos últimos anos, uma expansão incrível e no Verão, onde houver um Parque de Campismo com as condições necessárias a uma prática descontraída (instalações sanitárias em bom número e boas condições, abastecimento próprio, local calmo e arborizado, etc.) ele estará com certeza superlotado. Ora o Parque de Campismo de Espinho não reúne todas as condições apontadas; peca sobretudo pela localização e capacidade, pois os Parques de Campismo são feitos, não para albergar umas 15 dezenas de pessoas, mas sim para várias centenas. E, a provar a necessidade de um Parque de Campismo em Espinho com todas as condições apontadas, nada melhor do que os números: ora o miniparque que possuímos, com todos os defeitos que lhe possamos apontar, tem vindo a sofrer um aumento muito grande de utentes diários, tendo actualmente ultrapassado já os 260 na sua grande maioria Portugueses, o que demonstra a superlotação existente e o intrincado espírito de turismo em Portugal, para Portugueses. E se contasse que Espinho pos-



suía um óptimo Parque de Campismo, com certeza que sofreríamos uma invasão de turistas Portugueses a todos os títulos louvável.

O turismo deve estar voltado para as classes médias, para os Portugueses. E a forma das classes médias Portuguesas praticarem o turismo é o Campismo. Daqui se depreende que para atrair turistas a Espinho, é necessário um futuro Parque de Campismo digno de Espinho, pois muito beneficiaria a economia da zona; e então sim se compreenderia bem que a grande parte das manifestações culturais e desportivas se praticassem no Verão. Deveríamos procurar aliás que Espinho deixasse de ser a cidade dos Cafés em que tanto os habitantes nas horas de lazer como os

turistas deixassem de viver obsecados pelo dilema café-praia.

Urge criar em Espinho meios de distração e de divertimento não só para os turistas, mas também para a própria população. É necessário providenciar espectáculos culturais, desportivos, concursos, enfim actividades de toda a ordem que façam com que Espinho quebre a monotonia da vida de café e possa se quiser prender-se com certa frequência, a outro tipo de actividades. Só assim será possível que os Verões deixem de ser aquela estação monótona em que centenas de pés percorrem incansavelmente e inevitavelmente, dia após dia o alcatrão, o cimento e o basalto que constituem os Pavimentos das nossas esplanadas.

## FEIRA POPULAR

A Comissão de Festas de Espinho, consciente dos problemas do País, nomeadamente quanto ao período de austeridade de energia eléctrica, e ainda procurando preservar o único parque da cidade, resolveu não fazer funcionar a Feira Popular no local e moldes dos anos transactos, estando no entanto a providenciar no sentido de proporcionar à população espectáculos populares de variedades num outro local, aos sábados e domingos.

A COMISSÃO

PUB.

## SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE AVEIRO

SEDE EM RIOMEÃO

COMUNICADO

### CAMARADAS TRABALHADORES DA OLIVA

Os altos comandos desta fábrica têm suavemente dado a conhecer aos trabalhadores de que só pagarão metade do subsídio de férias no início das mesmas, furtando-se assim, C1.ª 81.ª do C. C. T. de 1972 e base XVI da P. R. T. para a indústria metalúrgica e metalomecânica.

Esquecerão estes Senhores que ganham entre 500 a 600 contos anuais e alguns mais e que, enquanto eles com esta «MÓDICA» quantia podem gozar as férias de burgueses, às vezes no estrangeiro, nós trabalhadores, a ganhar entre 6.000\$00 a 8.000\$00 mensais não podemos sequer gozar umas férias na praia a 10 Km da residência, se não nos fôr pago o subsídio a que temos direito.

CAMARADAS:

Quem nos garante que isto não será uma jogada da ITT coadjuvada pela «digníssima» Administração da Oliva, de pagar só metade e quando cá chegarmos depois das férias encontramos a fábrica fechada?

Será que aqueles que têm permanentemente os braços alugados ao patronato não têm o direito de gozar as suas férias anuais, só porque os (empresendedores...) se recusam a pagar em devido tempo?

CAMARADAS:

Levantemos a cabeça e mostremos a nossa UNIDADE e como tal, não abandonemos a fábrica nem deixemos sair os altos responsáveis sem que resolvam o problema, pagando o que nos é devido.

— UNIDOS VENCEREMOS

— A LUTA CONTINUA.

Riomeão, 8 de Julho de 1976

PELA DIRECÇÃO

a) Carlos Oliveira A. Marçal

PUB.

## A Portaria dos 7 contos

No dia 18-6-76, o Ministério das Finanças fez sair a portaria N.º 374-A/76. Até esta data quem quisesse ir passar férias ao estrangeiro podia gastar em despesas de viagem e turismo, durante todo o ano, vinte contos, quantia que foi agora reduzida para sete.

Muita tinta tem corrido na maioria dos jornais, desde então.

O assunto reveste-se de características muito peculiares pois, se por um lado, a medida, restringindo a saída de pessoas para o estrangeiro, pode vir a afectar a própria sobrevivência de todo o sector — e, neste caso, aparentemente parecem coincidir os interesses dos trabalhadores e das entidades patronais — por outro lado, há que defender intransigentemente a economia nacional. Entretanto os directamente abrangidos — os turistas — não têm dado acordo público de si.

Porque a medida os não abrangge (terão todos dinheiro mais que suficiente, no estrangeiro, para lá irem passar as suas férias sem quaisquer problemas?) ou abrangendo-os não os molesta no que é essencial? Na prática os seus interesses estão sendo defendidos pelos agentes de viagem.

Mas, sendo a medida tomada no interesse da economia nacional, ela não pode ir contra os interesses dos

trabalhadores pelo que há que ter isto em conta.

Justifica-se a portaria como vindo «num período em que se assiste a um acumular sucessivo de saldos negativos na balança geral de pagamentos», contribuindo assim para a redução dos gastos na verba «Turismo», que nos anos de 74 e 75 atingiram 6,5 e 5,7 milhões de contos, respectivamente.

Mas é evidente que esta medida terá de ser acompanhada de muitas outras, quer num determinado sector específico, quer considerando a economia nacional globalmente, de modo a possibilitar a mobilização de bens essenciais e de apetrechamento, condição indispensável para a recuperação económica do País, respeitando os justos interesses dos trabalhadores. Mas então porquê só agora?

Só interesses contrários aos interesses nacionais podem justificar que só agora tenha sido tomada tal medida, tanto mais que provém de um Governo dito de Salvação Nacional...

Tudo poderia ter sido diferente se tivesse sido feito o devido planeamento, ouvindo as partes interessadas com o mínimo de democraticidade, assegurando a defesa dos postos de trabalho dos 2.400 trabalhadores do ramo. A solução então encontrada serviria certamente os interesses dos trabalhadores, isto é: a economia nacional.



# DAS MODALIDADES



## Hoquei em patins

Campeonato Regional de Iniciados

Sanjoanense, 1 — A. A. E., 4

Com esta vitória na última jornada, os hoquistas iniciados confirmaram o 2.º lugar, que aliás já estava assegurado, adquirindo deste modo o direito de disputarem o 3.º lugar no Campeonato com o Valongo ou o Infante de Sagres, segundo classificado da outra série.

Assim se fechará a actividade meritória de mais uma classe jovem da patinagem da A.A.E., no seguimento do que já vem sendo um hábito nesta modalidade.

Campeonato Regional de Infantis

Carvalhos, 0 — A.A.E. (A), 17

A data da impressão do «Maré Viva» ainda não era conhecido o resultado do jogo da A.A.E. (B) com o Valongo, que entretanto havia sido adiado.

Quanto à equipa A, o resultado diz tudo. De notar apenas alguns factos. A circunstância dos Carvalhos serem os terceiros classificados e de a equipa da A.A.E. ter jogado completa, devendo destacar-se o sentido de colectivismo que, sendo um hábito de todos estes jovens, funcionou desta vez de tal modo que a equipa actuou como um verdadeiro bloco.

Entretanto, e após o jogo com o F. C. Porto no próximo sábado, o torneio termina com um encontro entre as duas equipas da A.A.E. que deverá ser disputado na próxima 5.ª-feira, dia 22, e será aproveitado para uma jornada de confraternização e, muito provavelmente de consagração dos campeões, a que não faltarão um encontro de futebol de salão entre os pais dos patinadores das classes juvenis.

Já agora, caberá aqui informar que a equipa A infantil foi convidada a deslocar-se a Tomar a fim de participar numa reunião de todas as equipas jo-

vens de hóquei em patins que se distinguiram no País e que não terá carácter competitivo. Uma iniciativa da Federação de Patinagem, apoiada pela D.G.D. num propósito, que se louva, de difundir a modalidade e estimular a compreensão do desporto como um meio óptimo de aproximação das pessoas.

## Halterófilia

Com a presença das selecções da Espanha, Jugoslávia e Portugal disputar-se no próximo dia 31, em Espinho, um torneio internacional de halterofilismo. Esta iniciativa, promovida pela respectiva secção da A.A.E. e pela Comissão de Festas, contará muito possivelmente com o apoio da D.G.D., que assim virá dar mais um impulso a uma modalidade tão esquecida entre nós.

## Xadrez

Está praticamente assente a realização do próximo Campeonato Nacional Individual de Xadrez em Espinho, a efectuar em Dezembro. A esta possibilidade de podermos ver entre nós nomes como os de Fernando Silva, Durão e Cordovil, não é estranha a actividade da Secção de Xadrez da A.A.E. que, espera-se, colaborará estreitamente na organização deste campeonato. Actividade de que salientamos, mais recentemente a deslocação de quatro jogadores a Abrantes para a disputa do Campeonato Nacional de Partidas Rápidas e participação de sete representantes no Campeonato Regional do Porto que se vem disputando em Matosinhos.

Para a época de Verão está já em vias de conclusão o programa está já em vidades, que já se vem tornando um hábito e que conta com o apoio da Comissão de Festas de Verão.

## SABIA QUE...

Espinho será palco de uma final e partida de etapa, da Volta a Portugal em Ciclismo, que se realiza no próximo mês de Agosto, graças às diligências encetadas pela Comissão de Festas de Espinho.

A Volta a Portugal em miniatura, que se vem realizando há vários anos nesta cidade, está marcada para os dias 7 e 8 de Agosto. A organização será da «ARTIRENE», com o patrocínio da Comissão de Festas de Espinho e a colaboração da Solverde. Este ano, terá o aliciante da mesma ir «passear» por Anta, Esmojães, S. Paio de Oleiros e Silvalde.

Realizou-se uma reunião geral da secção de Hóquei em Patins da A.A.E. com a presença dos responsáveis e de apreciável número de atletas, com o objectivo de serem lançadas as bases para uma reestruturação da secção com

vista ao próximo ano de trabalhos. Foi apresentada uma proposta-base de funcionamento que foi aprovada na generalidade e constituída uma comissão para se encontrarem as fórmulas adequadas que permitam levar à prática o plano aprovado.

Além da reunião do Hóquei em Patins, também a secção de Volei da Académica esteve reunida. Depois de longa discussão, apenas uma certeza!

A formação de uma Comissão, encarregada de formar o elenco para a secção.

A Comissão de Festas de Espinho não pára!

Depois da Festa Infantil, realizada no passado fim de semana, chegou a vez ao concurso «O lançamento do Balão». Este terá lugar no próximo domingo dia 18, pelas 10 horas da manhã, na avenida junto ao Casino. As

## Andebol - 7

Espinho, 25 — Águias do Porto, 16

Assim, não!

Sob a arbitragem dos srs. António Sousa e Armando Pereira, as equipas fizeram alinhar:

ESPINHO — Pinto, Caprichoso, Barbosa, Vítor Gomes, Manecas, Alex, Figueiredo, Henrique Figueiredo, Canelas e Freire.

ÁGUIAS DO PORTO — Gomes, Neves, Nogueira, Baptista, Marques, Fialho, Malafaia, Anselmo, Vilaça, Santos e Mendonça.

Em princípio antevia-se um jogo calmo e relativamente fácil para os hábeis e briosos jogadores de Espinho. Porém, a entrada voluntariosa dos «Águias» não permitiu um minuto de descanso às hostes caseiras. Daí que o jogo ganhasse um cariz de violência. Assim, com o decorrer do tempo o ambiente dentro das quatro linhas «aqueceu» e de tal forma que levou à expulsão de um atleta espinhense. Logo a seguir, após algumas jogadas confusas, surgiu o lamentável. Assistentes menos lúcidos lançaram-se em provocações aos atletas, já de si muito enervados, o que provocou cenas lastimosas dentro e fora do rinque.

Para além do mau andebol, é de notar e condenar o velho problema dos nossos espectáculos desportivos — o aficionismo incontrolado.

Depois de acalmados os ânimos, recomeçou o jogo e logo a seguir vem o «abençoado» intervalo.

Na segunda metade, de características opostas, o Espinho impôs a sua melhor técnica e facilmente atingiu a diferença de 9 golos que manteve até ao apito final.

Enfim, lamentamos profundamente e dizemos, ASSIM, NÃO!

inscrições (5\$00), podem ser feitas no local.

A equipa feminina do Sporting de Espinho ficou apurada para disputar a final do Torneio de Encerramento organizado pela Associação de Voleibol do Porto, pois as suas adversárias desistiram logo à partida. Assim, as espinhenses terão de aguardar que seja conhecido o vencedor da outra série, que deverá ser o Leixões.

Está nos planos dos responsáveis pelo Andebol Espinhense, realizar um torneio de Verão, com o fim de captarem novos valores para a sua secção.

## Voleibol

A culminar a excelente carreira que durante toda a época tiveram, os iniciados da Associação Académica de Espinho venceram o Torneio de Encerramento da Associação de Voleibol do Porto, que é a última prova da época. Depois de ter participado no torneio de Abertura no Palácio de Cristal, organizado pela A.V.P., onde se classificou em 3.º lugar, a equipa espinhense participou ainda no Torneio do Castelo da Maia, tendo vencido na final a valorosa equipa do Leixões. Seguiu-se a disputa do Campeonato Regional, tendo ficado em 2.º lugar, com o mesmo número de pontos do Leixões, que foi o vencedor. Participou depois na Taça Nacional de Iniciados, tendo sido o Campeão da Zona Norte, o que lhe conferiu o direito de representar o Norte no convívio final em Aveiro, juntamente com o Campeão do Sul (Liceu de Oeiras), e as duas Selecções representativas das duas zonas. Depois de vencer no primeiro encontro a selecção do Sul por 3-0, viriam a perder por 3-2, com a selecção do Norte, que era composta por elementos do F. C. do Porto, Esmoriz, Leixões e Lamego. No torneio de encerramento, depois de vencerem todos os adversários da sua série (incluía o Esmoriz e Sporting de Espinho), os Académicos disputaram no passado dia 10 de Julho, a final do torneio com a Académica de S. Mamede, que tinha sido a vencedora da outra série. Os pupilos de Manuel Augusto Lacerda não tiveram dificuldades em levar de vencida por 3-0 o seu opositor, pois era grande a diferença de valores individuais entre as duas turmas. Esperemos que o entusiasmo que reina nas categorias inferiores do Clube não acabe e que na próxima época os «miúdos» nos possibilitem ver jogos de boa qualidade, como nesta temporada que findou.

## Publicidade

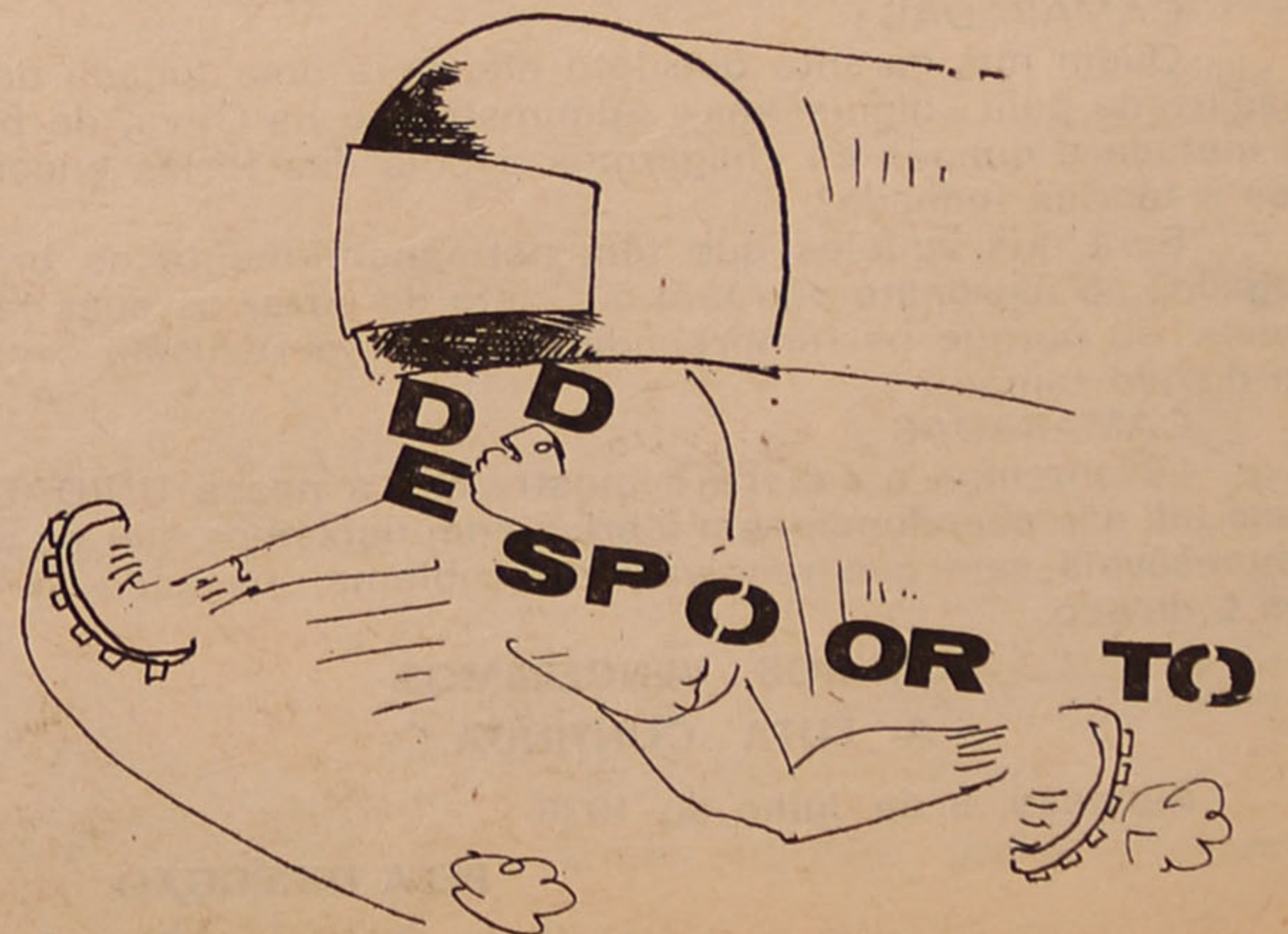
O jornal não pode viver sem publicidade.

Daqui lançamos aos amigos um apelo para nos ajudarem angariando anúncios.

Entretanto «MARE VIVA» publicará gratuitamente os anúncios de pedido de emprego.

Abrem dentro de dias as inscrições para o 3.º Torneio de Verão de Voleibol, organizado pela secção de Volei da Académica de Espinho. O seu início está previsto para a primeira semana de Agosto.

Com a participação de cerca de 20 jovens espinhenses do serviço cívico, começou na sede da F.P. de Voleibol, no Porto, o 1.º Curso de Treinadores de Voleibol de 4.º grau. São prelectores deste curso o Prof. Manuel Puga e os Treinadores Luís Moreira (F. C. Porto), Eng.º Aquiles e Pedrosa (Castelo da Maia) e Tibério Coelho (Arbitragem).





# Como vai o negócio?

## RETORNADOS

A descolonização, com o afluxo de gente que trouxe ao País, introduziu novas complicações no já de si pouco simples problema de emprego em sociedades como a nossa.

Um fenómeno, que não deixará de ser observado, quem habita em Espinho, tem sido o surgir ou ressurgir de estabelecimentos de tipo novo — os estabelecimentos de retornados.

«MARÉ VIVA» foi junto dessa gente, perguntou: — Como vai o negócio? E, naturalmente, surgiram outras questões.

### «CASA DO RETORNADO»

Começámos na «Casa do Retornado» — comes e bebes — mesmo ao fundo da Rua 23, sempre a abanrotar de diversificada clientela. Recebeu-nos o Sr. José Ramos Pereira que duma forma espontânea e simpática respondeu à nossa pergunta:

— O negócio anda, sim senhor. Com muito trabalho, com muito sacrifício, vai andando.

Os clientes gostam da maneira de ser da gente e a gente faz os possíveis por corresponder. Os preços são em conta. Isto foi pensado para trabalhadores — nada de luxos. Era uma casa parada e está-se a fazer dela alguma coisa!

O Sr. Ramos Pereira não nasceu em Espinho. É natural de Valadares. Mas tem recebido do povo desta terra um carinho a que, confessa, deve a prosperidade da casa. Nunca trabalhara no ramo. Era Construtor Civil. Sua esposa — a dona da casa — apesar de ser uma «cozinheira nata» apenas estava habituada a servir a família. Tornou-se hoteleiro porque era preciso «agarrar-se a qualquer coisa». Nas suas palavras:

— Desembarquei no dia vinte de Outubro, e no dia cinco de Novembro, estávamos a trabalhar com o pouco que tínhamos e com as facilidades conseguidas — estamos a pagar isto.

Sobre os problemas do retornando, disse-nos:

— Na minha maneira de pensar, é possível arranjar trabalho para toda a gente. Por exemplo, tenho um filho que

nunca trabalhou na agricultura e agora anda agarrado a um tractor. Claro que, como em tudo, há oportunistas que se aproveitam da situação e não querem trabalhar. Até um outro filho meu anda nisso. Mas, posso-lhe dizer, se derem oportunidade aos retornados isto avança mais depressa. É gente de muita iniciativa!

### «ISTO, PARA ONZE PESSOAS, NÃO DÁ»

Subindo um pouco na Rua 23, entramos na «Casa Marques», pequena mercearia com taberna anexa, onde a primorosa arrumação dá nas vistas. Aqui, não havia tanto optimismo:

— Está mal. Os lucros são pequenos. Temos mercadoria — o arroz, por exemplo — que dá 10 por cento. Rompe-se um saco, lá se vai o ganho.

Este é um problema do retalhista. O armazenista, esse, não o tem. O retalhista, ou retira, ou consome, porque a fiscalização, aqui pega por tudo e por nada, vai-se à feira... é uma miséria!

Mal ou bem, o negócio tem sido a sobrevivência das famílias dos três sócios da casa — onze pessoas. O Sr. António Marques, que nos falou, já trabalhava no ramo antes de ir para Angola. É transmontano e escolheu Espinho por encontrar aqui melhores condições.

Abordando a questão trabalho, disse-nos:

— É preciso classificar os retornados. Há os que não querem trabalhar e há os que querem, mas não têm onde. Por exemplo, eu (isto para onze pessoas não dá!) pedi um empréstimo ao I.A.R.N. e até agora...

O I.A.R.N., quando começou a conceder empréstimos, não levou em conta que, em Angola como em toda a parte, havia gente que trabalhava e havia gente que roubava. Veio tudo para cá. Os últimos, quando ouviram falar em empréstimos, foram os primeiros a acorrer e claro, a verba esgotou, aplicada em «bebedeiras de meia-noite».

### EM POUCAS PALAVRAS

Na Avenida 24, no Snack-Bar Amé-rica, falámos com o Sr. Diamantino Pi-

res, beirão, que teve em Luanda uma casa com o mesmo nome.

Veio para Espinho porque a esposa é de cá. Fixou-se por uma questão de habitação. Homem de poucas palavras diz-nos, do negócio:

— Vai mais ou menos. Podia ser melhor... ou pior.

E sobre retornados que trabalham e retornados que não:

— Se toda a gente trabalhasse, seria melhor. Há muito retornado que não quer trabalhar. Já aqui tive alguns. Um, um dia depois de entrar, foi-se embora. Achou muito, o trabalho.

### UMA CIDADE PACATA

Mudando de ramo, falámos com o Sr. Fernando Silva, na Casa das Chaves, Rua 23. Disse-nos do seu negócio:

— É um princípio de vida. A custo, com grande sacrifício que não seria necessário se pudéssemos ter trazido «algum» do que lá deixámos. Tenteando, vai dando para as despesas, embora, por vezes, tenha de me socorrer dos familiares.

O nosso interlocutor é natural do Porto. Fixou-se aqui, por um lado, por questões de concorrência, por outro, porque aqui encontrou uma «cidade pacata» no género de Vila Perry, a cidade onde vivia. Em Moçambique trabalhava como escriturário. Conheceu a arte — acertar chaves — antes da ida.

Sobre a capacidade do País em dar uma ocupação a todos os retornados, disse-nos:

— Estou convencido de que, isto normalizando, todos os portugueses, retornados ou não, poderão trabalhar para o mesmo fim.

### «OS DE CÁ, SUJEITAM-SE; OS RETORNADOS, JÁ NÃO QUEREM»

O Sr. Manuel Lourenço, — gerente do Café Pop na Rua 33, é o mais jovem dos nossos entrevistados. Junto dele, o optimismo voltou:

— Os negócios correm bem. A minha

maneira de trabalhar tem resultado. Sinto-me satisfeito.

Tenho sob minha gerência sete casas (pensões e restaurantes). Tudo isto para dar alojamento e refeição a cerca de 400 pessoas por dia. Trabalho tanto com retornados como com gente de cá. Claro, o forte é de retornados — ajudamo-nos uns aos outros.

O Sr. Lourenço sempre trabalhou no ramo. É natural do Porto e, confessa-nos veio cá parar por acaso. É de opinião que os créditos do I.A.R.N. foram precipitadamente entregues a quem talvez não necessitasse. Para si, já não espera nada. Diz-nos que começou com «zeros». Presentemente, sente que lutou e conseguiu vencer. Do I.A.R.N. só espera que lhe pague o que deve. «Isto já era bom!»

Abordámos a questão do trabalho para os retornados. Eis a sua opinião:

— O País tem capacidade para dar trabalho. Eles é que não querem trabalhar. Eu tenho 42 empregados e de quinze em quinze dias mudo pessoal. Despedem-se. Aham que estão a ganhar mal para o que trabalham. Frizo que o ordenado mais baixo que pago é de 6.000 escudos limpos mais, comida e dormida.

Tenho um empregado de cá (não retornado) que vinha trabalhar por 4.000 escudos. Eu dei-lhe cinco. Veja: os de cá, sujeitam-se; os retornados, não querem!

O principal problema que o estado vai ter, vai ser habituar novamente esta gente a trabalhar. Quando chegar essa altura, vão surgir muitos problemas.

Não é intenção deste trabalho tirar quaisquer conclusões. Antes é dar voz a pessoas que habitam na nossa região e nos prestam os seus serviços. Não podemos, no entanto, deixar de sublinhar, as últimas palavras do nosso último interlocutor tanto quanto elas são o dedo na ferida aberta por uma política demagógica que, visando transformar o retornando em pau para toda a colher, acabou por agravar o problema, pouco simples à partida, criado por este grupo social. Também nos ficou a ideia grata de que existe nestes homens uma grande vontade de ver desaparecer o termo «retornado» e em seu lugar aparecer português, simplesmente.

Bom negócio para todos!

## Piscina Solário Atlântico ESPINHO

### Banhos quentes de água do mar

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho, comunica que já se encontram em funcionamento, na Piscina Solário Atlântico, os banhos quentes de água do mar, especialmente recomendados para o tratamento de:

Reumatismo crónico, Espondilose, Artrose, curas de relaxamento, etc.

Mais se comunica que a vigilância médica é assegurada gratuitamente pelo Centro de Saúde de Espinho

## FOTOCÓPIAS

RANK XEROX

J. OLIVEIRA

Rua 19 n.º 401.1.º — Telef. 920093

## Vende-se

Automóvel OPEL 1900/L

130 mil km. — 1.ª mão

Rua 7 n.º 497 — ESPINHO

## Tribunal Judicial da Comarca de Espinho Anúncio

2.ª PUBLICAÇÃO

O Doutor Francisco Diogo Fernandes, Juiz de Direito da Comarca de Espinho:

Faz saber que na Acção Ordinária de divórcio litigioso com o n.º 16/76/2.ª, pendente neste Tribunal, movida pela autora MARIA DA COSTA OLIVEIRA REIS, casada, doméstica, moradora na Rua 18 n.º 104 nesta cidade de Espinho contra o réu JOSÉ CLEMENTE DOS REIS, casado, operário, residente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua 18 n.º 104, desta cidade, é este réu citado, para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de 20 dias, que começa a correr depois de finda a dilação mínima — trinta dias — contados da data da 2.ª publicação deste anúncio, sob a cominação de vir a ser condenado no pedido que a Autora deduz naquele processo e que consiste em decretar-se o divórcio entre A. e R. e ainda para contestar o pedido de benefício de Assistência Judiciária no mesmo prazo.

Espinho, 18 de Junho de 1976.

O Juiz de Direito,  
Francisco Diogo Fernandes

O Ajudante,

Américo Cordeiro Mora

«Maré Viva» — 17/7/76 — N.º 4

### PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										

### HORIZONTAIS:

1 — Coop. de Acção Cultural; 2 — Nordeste brasileiro; 3 — Antes de Cristo — Limites do gato — Aqui; 4 — Personagem bíblica — Atmosfera — Óxido de cálcio; 5 — Movimento temporário do mar — Saudação; 6 — Lavras — Gostar muito de; 7 — Contrac. de prep. e artigo — Batráquio — Poema da idade média; 8 — Abreviat. de ter saúde — Lugar onde se vende o peixe depois de pescado — Grito de dor; 9 — Fizera andar o barco; 10 — Espantara.

### VERTICAIS:

1 — Repousante; 2 — Filtraras; 3 — Carta de jogar — O mesmo que atrás — Unir; 4 — Preposição — Estás — O mesmo que além; 5 — Bêbê animal — Nome de mulher; 6 — Desinfectante; 7 — Contrac. de prep. e artigo — Inútil — Altar; 8 — Porco — Cume — Aspecto; 9 — Sulcada; 10 — Direis.

## MARÉ VIVA

interessa aos trabalhadores



# CINEMAS

## Casino

**DIA 16, SEXTA-FEIRA — SE DISPARAS, MATOTE** — Maiores de 13 anos

É caso para dizer:  
— Se for hoje ao cinema arrepende-se.

**DIAS 17 E 18, SABADO E DOMINGO — MASSACRE** — Maiores de 18 anos

Será este filme um massacre para o espectador? Não nos responsabilizamos pelo que pode acontecer. Se quiser arriscar...

**DIA 19, SEGUNDA-FEIRA — A OUTRA FACE DO PADRINHO** — Maiores de 18 anos

Ou como continuar a ganhar dinheiro, virando o disco e tocando o mesmo.

**DIA 21, QUARTA-FEIRA — OS TRÊS MOSQUETEIROS** — Maiores de 6 anos

Como já vem sendo hábito, durante este mês, o Casino continua a apresentar filmes para maiores de 6 anos.

É a única oportunidade das crianças poderem ir ao cinema, sem contudo se poder dizer que as mesmas estão bem servidas de espectáculos cinematográficos. Uma coisa é a quantidade (relativa) outra é a qualidade.  
E quanto a esta...

**DIA 22, QUINTA-FEIRA — A FÚRIA DO DRAGÃO** — Maiores de 18 anos

O «kung-fu» continua a cumprir a sua missão!

Calma! Não se precipite; esta semana ainda tem mais dols com «cenas eventualmente chocantes».

**DIA 17, SABADO — 0077 AGENTE INDECENTE** — Maiores de 13 anos

A ridicularização do 007 ou a sua justificação?

**DIA 18, DOMINGO — A VIDA ÍNTIMA DE DORIAN GRAY** — Maiores de 18 anos

Cada pessoa tem o direito a ter a sua vida privada inviolável. Não se meta onde não é chamado!

**DIA 20, TERÇA-FEIRA — O CORDEIRO ENFURECIDO** — Maiores de 18 anos

Depois de cordeiro tímido atira-se que nem leão enfurecido nas fêmeas lá do burgo. Fuja a sete pés de tal perigo para a sociedade!

**DIA 21, QUARTA-FEIRA — KERMESE ERÓTICA** — Maiores de 18 anos

Adie a sua ida ao cinema por 24 horas.  
Paga o mesmo e aproveita mais.

**DIA 22, QUINTA-FEIRA — SENHORAS E CAVALHEIROS** — Maiores de 18 anos

Uma comédia de Pietro Germi que vale a pena ser vista, principalmente depois de uma semana cheia de «cenas eventualmente chocantes».

## Paramos

**SABADO E DOMINGO — O INVEN-CIVEL**

Dois dias para um «kung-fu»? Pelos vistos continua a haver público para este género de filmes.

# Um livro bom, um livro barato

Dentro da ideia de que «Maré Viva» deverá também preocupar-se com os tempos livres dos seus leitores, sugerindo-lhes formas possíveis de os ocuparem de maneira que consideramos útil, está nos nossos planos prestar uma atenção especial à edição de livros.

Assim, era nossa ideia inicial fazer um balanço semanal do mercado

de livros na cidade de Espinho. Mas em breve constatámos que as ligeiras alterações semanais nas vendas não justificam, num mercado tão pequeno como o de Espinho, uma atenção tão periódica. Por isso, decidimos passar a dar mais realce à secção «Um livro bom — Um livro barato», e ir acompanhando o mercado livreiro apenas com a regularidade necessária.

Hoje não é um. Hoje são seis livros bons e baratos. Parece impossível, mas é verdade. No meio de tanta mediocridade e de tanta sujeira que para aí se vende, ainda é possível encontrar livros bons (mesmo que não estejam às dúzias nas montras). Bons e a preço acessível. São livros feitos para quem é pobre e tem fome de aprender, não são para aqueles que podem dar 140\$00 por um monte de roupa suja, por umas linhas de delacção mentirosa e fascista, por umas páginas onde criminosos se vangloriam impunemente das suas façanhas. Esses livros custam 140, 150, 200\$00, e vendem-se. Quem os compra?

Os seis livros de que aqui se fala são os números já publicados da colecção «**Cadernos Políticos de Educação Popular**» — Iniciativas Editoriais — Lisboa.

Ei-los:

1. «Explorados e Exploradores»
2. «Exploração Capitalista»
3. «Monopólios e Miséria»
4. «Luta de Classes»
5. «Imperialismo e Dependência»
6. «Capitalismo e Socialismo»

Autores: Marta Harnecker e Gabriela Uribe.

Preço: 15\$00 cada (alguns números foram reeditados e o preço actualizado para 20\$00).

É uma colecção que aborda da maneira o mais completa possível os problemas complexos da explo-

ração económica e da luta de classes, numa perspectiva socialista. Algumas vantagens da obra:

1. Todos estes problemas, embora tratados por autores estrangeiros, foram adaptados à realidade portuguesa por um grupo de trabalho.
2. A linguagem é muito fácil, perfeitamente acessível a qualquer pessoa, mesmo sem estudos. Basta que saiba ler... e pensar um pouco.
3. A própria apresentação é agradável e didáctica: tem fotografias, tem desenhos explicativos, tem resumos, tem questionários para o leitor ver se realmente percebeu tudo.

Em suma, são livros que falam de coisas que nós conhecemos, e falam delas com as palavras que nós usamos todos os dias. São livros que ajudam a perceber melhor os mecanismos da exploração e, conseqüentemente, a actuar contra ela. Isto na perspectiva da sociedade socialista para que devemos caminhar, como consagra a nossa Constituição elaborada em liberdade.

Nota — Não deve ser difícil encontrar qualquer destes livros nas livrarias, pois ultimamente foram feitas reedições. O facto de terem esgotado já várias vezes ajuda a provar a sua qualidade e a boa aceitação que o público lhes tem dispensado.

## OLEIROS (continuação)

decidiu-se pela confirmação do projecto inicial, com algumas alterações, e pela nacionalização do hospital, ficando o Estado com a responsabilidade das obras, calculadas em cerca de 200.000 contos. Para a concretização da nacionalização está já eleita a Comissão Instaladora, faltando apenas a publicação do decreto no «Diário da República».

Prevê-se assim a conclusão da segunda fase das obras para daqui a dois anos com a construção duma outra ala do edifício idêntica à primeira e num prazo de cinco anos espera-se a conclusão da terceira fase, finda a qual estará completado o novo edifício, todo com cinco andares, a substituir o antigo.

### NOVO HOSPITAL, NOVAS RESPONSABILIDADES

Para se ter uma pequena ideia das dimensões que o novo hospital virá a assumir bastará dizer que a capacidade básica actual de 34 camas (na prática funciona com 74 quase amontoadas) passará para 120 camas. Terão nele lugar, para além do asilo que se manterá, a instalação de todas as especialidades dos Serviços Médico-Sociais o alargamento das consultas externas, um banco de urgência com todos os requisitos, os serviços complementares de diagnóstico, secções para todo o pessoal médico, para-

médico e auxiliar e uma enfermaria dividida por especialidades, para além dos quartos particulares. Igualmente os serviços de cirurgia e maternidade disporão de instalações mais adequadas.

Destaque-se pela importância que poderá ter para um certo «alívio» do Hospital de Espinho a instalação dum serviço de urgência eficiente, que virá a evitar a passagem dos sinistrados por Espinho e até pelo Porto, pois actualmente apenas uma enfermaria se encontra permanentemente de serviço para os casos de urgência, que são frequentes naquela zona industrial.

Também assim poderá ser melhor correspondida a afluência ao Hospital de Oleiros de pessoas vindas de regiões distantes atraídas pela qualidade do pessoal médico, como é o caso da maternidade e da urologia.

Mas o progresso traz os seus inconvenientes. Que o diga a Comissão Instaladora que já antes de tomar posse encara com bastante preocupação a manutenção do futuro equipamento do hospital. Bastará dizer que em pouco mais de uma dezena de anos se passaram de 500 contos para 12.000 contos anuais, o que torna impossível qualquer previsão imediata.

As dificuldades serão muitas, mas uma certeza fica. De que algo de muito importante para a região se está a passar em Oleiros.

## GAZETILHA

### “MÚSICAS” DA MINHA ALDEIA

*Velhas «bandas marciais»,  
Brio duma freguesia:  
Não sei por quê, despertais  
Hoje, em mim, a Fantasia:*

*«Filarmónica afamada,  
Com muito bons elementos,  
Nas «funções» era notada...  
Por «fifias» duns instrumentos;  
Incongruências do texto,  
Ritmo a periclitar...  
Pouco fez o elenco «sexto» —  
Com mais de oitenta a «tocar»;  
Alistou-se gente a mais,  
Só nisso havia «fartura»...  
Ante os compassos finais,  
Nafragou a «partitura»!*

*Nova banda. Outro regente  
Música diversa ensaia;  
Tem de ser... polivalente,  
Pra que a solfa sobressaia.  
Venham ouvintes concordes  
Escutar, com simpatia,  
A cadência dos acordes  
Da «sétima» sinfonia.  
E uma música de fundo,  
Harmoniosa, discreta,  
Mostre outra face dum mundo  
Sonhada por um poeta...*

*Mas, ai! — se azares letais  
Entram no concerto um dia...  
— Sem «cordas» e sem «metais»,  
Só fica... a «pancadaria»!*

ALBERTO BARBOSA (BEKA)